

Orquestra Sinfónica

do Porto Casa da Música

Douglas Boyd direcção musical

Diana Tishchenko violino

23 Out 2020 · 21:00 Sala Suggia



casa da música

MECENAS CICLO MDS

MDS



Maestro Douglas Boyd sobre o programa do concerto.
VIMEO.COM/470526743

MECENAS ORQUESTRA SINFÓNICA
DO PORTO CASA DA MÚSICA

A CASA DA MÚSICA É MEMBRO DE



Felix Mendelssohn

As Hébridas, abertura em Si menor op. 26 (1830; c.10min)

Concerto para violino e orquestra em Mi menor, op. 64 (1845; c.28min)

1. *Allegro molto appassionato* —
2. *Andante* —
3. *Allegretto non troppo* — *Finale: Allegro molto vivace*

PAUSA — Comentários ao programa por **Gabriela Canavilhas**

Felix Mendelssohn

Sinfonia n.º 3 em Lá menor, op. 56, “Escocesa” (1842; c.40min)

1. *Introdução* — *Allegro agitato* —
2. *Scherzo assai vivace* —
3. *Adagio cantabile* —
4. *Allegro guerriero* — *Finale maestoso*

Felix Mendelssohn

HAMBURGO, 3 DE FEVEREIRO DE 1809

LEIPZIG, 4 DE NOVEMBRO DE 1847

“Mendelssohn, considero-o o primeiro músico do nosso tempo; tiro o meu chapéu perante ele como meu superior. Ele consegue o que quer, em especial com os naipes na orquestra, mas com tal facilidade, delicadeza, arte e mestria.”

ROBERT SCHUMANN

Felix Mendelssohn, que nasceu em 1809 e morreu tragicamente novo em 1847, foi uma criança-prodígio, quer como pianista e organista virtuoso quer como compositor. Instruído nas técnicas antigas de contraponto e baixo contínuo, dominava a linguagem de Mozart e Haydn, admirava Beethoven e Weber.

A sua precocidade como compositor e a inesgotável fluidez da sua inspiração dão azo a comparações com Mozart: “ele é o Mozart do século XIX, o músico mais límpido, aquele que mais claramente revela as contradições do seu tempo e que, primeiro que todos, as reconcilia” afirmou Schumann, um dos seus mais fervorosos admiradores. De facto, a qualidade do seu Octeto op. 20 para cordas, composto aos 16 anos, e a da abertura do *Sonho de Uma Noite de Verão* op. 21, aos 17, são indício de uma genialidade invulgar, sendo decisivo para o seu desenvolvimento o ambiente familiar doméstico do jovem Felix, favorável à cultura, às artes e à intelectualidade.

Mendelssohn foi um trabalhador incansável, capaz de dominar com mestria o piano, o violino e a viola, um chefe de orquestra de grande competência, infatigável difusor da música antiga e contemporânea. Privava com Goethe, Hegel, Heine, os irmãos Humboldt e os maiores espíritos da sua época, tendo consolidado desde

cedo uma sólida cultura filosófica e literária. A ele se deve o revivalismo de João Sebastião Bach, de quem deu a conhecer ao século XIX a *Paixão segundo São Mateus* e diversas outras cantatas e sonatas para órgão, num trabalho de recuperação musicológico inestimável.

As Hébridas, abertura em Si menor (“A Gruta de Fingal”)

A abertura *As Hébridas* op. 26 foi escrita depois de uma viagem de Mendelssohn ao Norte da Escócia, em 1829, e toma o subtítulo “a Gruta de Fingal” na revisão de 1832, antes da sua primeira apresentação em Londres, sob a direcção do compositor.

Neste período vivia-se na arte e na literatura da Europa continental um grande fascínio pelo Norte da Europa e pela sua história, no quadro da estética romântica em que o apelo pela literatura medieval, pelo misticismo, pelo sobrenatural, pelo sonho, pelo neogótico, em suma, pela fuga da realidade, encontrou nas “novelas góticas” inspiração artística para a fixação de um estilo literário que se alargou à pintura, ao melodrama e à música, estilo a que se convencionou chamar de *gótico*.

“A Gruta de Fingal” foi concebida no espírito dos Poemas de Ossian, importante influência estética nos primórdios do universo romântico, e do *Sturm und Drang* alemão, que se estendeu à música do primeiro Romantismo. Ossian é o narrador e autor de um ciclo de poemas épicos publicados pelo poeta escocês James Macpherson (1736-1796) na década de 1760 — o primeiro dos quais *Fragments of Ancient Poetry collected in the Highlands of Scotland, and translated from the Galic or Erse Language* (1760) — que, segundo Macpherson, foram por ele recolhidos e traduzidos da língua gaélica e de outros dialectos antigos nas Terras Altas da

Escócia. Entre eles incluiu-se o épico sobre o tema do herói Fingal, publicado em 1762, que inspirou Felix Mendelssohn a visitar as ilhas Hébridas e a compor a abertura *As Hébridas* op. 26 (1830), mais conhecida como “A Gruta de Fingal”, bem como vários *lieder* de Schubert, a ópera *Ossian, ou Les bardes* (1804) de Jean-François Le Sueur, entre outras obras de menor vulto. Os poemas obtiveram grande sucesso internacional, incluindo a admiração de Diderot, Voltaire, Goethe, Johann Gottfried Herder, Napoleão e Thomas Jefferson, influenciando várias gerações de escritores na consolidação do estilo *gótico* na literatura.

Os elementos do universo fantástico, que posteriormente integrariam o gênero literatura gótica, já se encontravam na literatura medieval. Porém, somente com *The Castle of Otranto* (1764), de Horace Walpole, é que a literatura gótica se afirma como gênero, e que, a partir dela, o terror, o macabro e o sobrenatural passam a ser entendidos como elementos relevantes de ficção gótica. Consequentemente, os castelos medievais em ruínas, penhascos escarpados dissimulados pela escuridão e pela neblina, as grutas e as tempestades noturnas associam-se simbolicamente à paisagem do Norte e ao romance gótico, onde a magia, os fantasmas e os sonhos premonitórios perseguem personagens enredadas em conflitos no limiar entre a vida e a morte.

A Escócia e o Norte de Inglaterra tornam-se assim uma fonte de referência, não só através dos poemas ossianos, mas também pelas obras de Walter Scott e de Shakespeare.

“A Gruta de Fingal” é uma abertura e, nos termos em que esta forma musical é entendida no período romântico, é autônoma e independente. Sem propor nenhum programa descritivo definido, é, no entanto, uma representação metafórica da impressão que Mendelssohn

reteve da sua visita à ilha de Staffa, onde se encontra a Gruta de Fingal que a tradição associa ao poeta Ossian, no que Mendelssohn assume uma atitude absolutamente romântica: a representação imaginada de paisagens e de lembranças.

Marcada por Beethoven e por Weber, segundo a sua própria confissão, a obra desenvolve-se entre dois temas: o primeiro, de perfil mais calmo, desolado e solitário; e o segundo, onde emerge uma força expressiva lembrando o movimento das ondas e a agitação do mar, oferecendo um constante jogo de sensações que ora nos leva para o interior da caverna, envolvendo-nos na solidão obscura, ora nos arremessa à turbulência das ondas do mar, criando assim o compositor uma paisagem musical intensa e arrebatadora.

Concerto para violino n.º 1 em Mi menor

Durante o Verão de 1838, Felix Mendelssohn escreveu ao seu amigo de longa data e violonista Ferdinand David: “Gostaria de escrever um concerto de violino para ti no próximo Inverno. Um em Mi menor não me sai da cabeça... o começo não me dá paz.” De facto, não lhe daria paz por mais seis anos, quando finalmente encontrou tempo e inspiração pelo meio de uma agenda repleta de compromissos e de concertos para, finalmente, o completar. Durante o processo de composição consultou David regularmente sobre questões da técnica de violino e, sempre perfeccionista, continuou a fazer pequenos ajustes no concerto até à sua estreia em Leipzig, em 13 de Março de 1845.

O concerto é estruturado nos habituais (na época) três andamentos, rápido-lento-rápido, mas introduz algumas inovações que são de assinalar, como a entrada do solista logo de início, em vez de apresentar uma introdução

da orquestra; a presença da cadência do solista escrita integralmente, em vez de ser uma secção deixada ao gosto improvisativo do solista como era costume no século XVIII e XIX, e a sua localização antes da reexposição; também o facto de os três andamentos do concerto serem tocados sem interrupção, como se se tratasse de uma obra única, unida por elementos comuns, quer nas tonalidades quer no ambiente musical.

Mendelssohn tinha trinta e cinco anos quando esta obra foi terminada e iria viver apenas mais três anos. Como último trabalho escrito para uma grande orquestra, o Concerto para violino é a sua obra orquestral mais madura e uma das suas obras mais meticulosamente escritas. Mendelssohn era conhecido pelo seu processo de composição fácil e fluido. Os seis anos completos que dedicou a este concerto em particular são, portanto, incomuns e significativos, beneficiando Mendelssohn da recente redescoberta da música de Johann Sebastian Bach, que estudou a fundo e introduziu ao público de Leipzig.

Composto, portanto, no auge da brilhante carreira de Mendelssohn, o Concerto para violino n.º 1 op. 64 tornou-se de imediato um clássico e continua a ser uma das pedras angulares do repertório orquestral e solístico em todo o mundo.

Sinfonia n.º 3 em Lá menor, “Escocesa”

Em Abril de 1829, Felix Mendelssohn, com 20 anos, deu início à sua *Grand Tour*, a viagem pela Europa que os jovens de famílias com recursos, no século XIX, não deixavam de fazer como aprendizagem pessoal e complemento de formação cultural. Mas ao contrário da maioria dos jovens, que procuravam a França e a Itália, Félix, após passar quatro meses em Londres, iniciaria a sua *Grand Tour* na Escócia,

apaixonado pelos romances de Sir Walter Scott, pelo imaginário gótico de Ossian e pelo espírito da época que invocava o Norte da Europa como *locus* de inspiração artística. Acompanhado pelo seu amigo Klingemann, conseguiu um encontro com Scott, algo frustrante tendo em conta as expectativas¹, visitaram a Gruta de Fingal na ilha de Staffa e o castelo de Holyrood, deixando escrito: “Visitámos hoje o castelo onde a rainha Maria Stuart viveu e amou. A capela ao lado está sem tecto e repleta de mato e erva. Foi neste altar, hoje em ruínas, que ela foi coroada Rainha da Escócia. Acredito ter encontrado, hoje, o início de minha Sinfonia Escocesa.”

Durante o Inverno de 1830/31, em Roma, Mendelssohn começou a compor a sua Sinfonia n.º 3. Mas logo teve de a deixar de lado, pois a sua atmosfera não condizia com o clima ensolarado da Itália: “não consigo recuperar o cenário enevoado da Escócia”. Só retomaria a sua composição 10 anos depois, terminando-a em Berlim, em Janeiro de 1842. A primeira apresentação aconteceu em Março, em Leipzig, sob a direcção do compositor, dedicando-a à rainha Vitória.

Maria, Rainha dos Escoceses, está presente ao longo da Sinfonia: a introdução lenta do 1.º andamento, com uma instrumentação inabitual de madeiras e violas, parece evocar a capela de Holyrood em ruínas, semicoberta de vegetação a emergir na névoa, como numa pintura de John Constable. O ambiente misterioso continua no *Allegro un poco agitato* com um longo tema principal em *pianissimo* nos violinos e no clarinete; só com o *Allegro* teremos a orquestra em pleno. Segue-se um tema *lamentativo* em

¹ “Encontrámos Sir Walter no momento em que saía de Abbotsford, olhámos para ele como tolos, viajámos oitenta milhas e perdemos um dia para, quando muito, meia hora de conversa superficial.”

Mi menor que mantém o clima sombrio, até à recapitulação tempestiva que reconduz ao tema da introdução.

O 2.º andamento, *Vivace non troppo*², segue-se sem interrupção e é o mais “escocês” dos quatro andamentos da sinfonia. Um *scherzo* com influência de música local, sobre um motivo pentatónico a evocar a gaita-de-foles, protagonizado pelo clarinete, cheio de vivacidade.

O 3.º andamento é um belíssimo *Adagio*, que pode ser entendido como um lamento por Maria Stuart. O tema inicial dos violinos é repetido no final pelas trompas, com nobreza. Por entre a elegia e uma espécie de marcha fúnebre, a evocação da Rainha dos Escoceses, da Escócia e do ambiente nostálgico tão caro ao Romantismo, ouve-se neste andamento um dos mais belos momentos musicais de Mendelssohn.

O 4.º andamento, *Allegro e Finale*, tem a marcação na partitura de *Allegro guerriero* e, de facto, a partitura sugere em várias secções uma batalha. É o andamento mais complexo onde se confrontam motivos soltos com a impetuosidade rítmica de um cenário bélico. Vigoroso, triunfal, termina com uma coda longa, que conduz um tema brilhante e afirmativo, como que se elevando às Terras Altas da Escócia, em que as secções dos metais lideram sobre as cordas num hino vitorioso.

GABRIELA CANAVILHAS, 2020

² [N. E.] Nesta sinfonia, Mendelssohn nomeou os andamentos de forma diferente para a orquestra e para o público. As indicações aqui apresentadas correspondem às que constam na partitura da orquestra.

Douglas Boyd direcção musical

Douglas Boyd é Director Artístico do festival Garsington Opera. Nos últimos anos foi Director Musical da Orquestra de Câmara de Paris, Maestro Titular do Musikkollegium Winterthur, Director Musical da Manchester Camerata, Maestro Convidado Principal da Sinfónica de Colorado, Parceiro Artístico da Saint Paul Chamber Orchestra e Maestro Convidado Principal da City of London Sinfonia. Em 2020 recebeu a prestigiante Grand Vermeil Medaille, atribuída pela cidade de Paris, pelo serviço que tem prestado à música, um reconhecimento que vem no seguimento do seu trabalho como Director Musical da Orquestra de Câmara de Paris.

No Reino Unido, Douglas Boyd dirigiu todas as orquestras da BBC, a Orquestra Real da Escócia, a Orquestra de Câmara da Escócia, os London Mozart Players, a Sinfónica da Cidade de Birmingham, a Sinfónica de Bournemouth e a Northern Sinfonia. Na Europa Continental trabalhou com a Filarmónica de Bergen, as Sinfónicas da Basileia e da Rádio Finlandesa, as Orquestras Nacionais de Lyon e de Bordéus, as Orquestras da Tonhalle de Zurique e do Festival de Budapeste, a Orquestra Mozarteum de Salzburgo, a Orquestra Gürzenich de Colónia, a Orquestra de Câmara de Munique e a Kammerakademie Potsdam. Noutras paragens dirigiu a Sinfónica de Nagoya no Japão, e realizou concertos bem-sucedidos com as Sinfónicas de Melbourne e Sidney na Austrália. Apresenta-se regularmente também nos EUA e no Canadá.

No domínio da ópera, Douglas Boyd dirigiu *A Flauta Mágica* para a Glyndebourne Opera on Tour, *La Grotto di Tronfonio* de Salieri para a Ópera de Zurique e *La Clemenza di Tito* de Mozart para a Opera North. Dirigiu inúmeras produções do Garsington Opera: *As Bodas de*

Fígaro, *Don Giovanni*, *Così fan tutte*, *Eugene Onegin*, *Capriccio*, *Silver Birch* (Roxanna Panufnik, estreia mundial) e concertos com *Sonho de Uma Noite de Verão* de Mendelssohn, ao lado de membros da Royal Shakespeare Company, e *A Criação* de Haydn com o Ballet Rambert.

Inaugura a temporada 2020/21 a dirigir *Fidelio* no festival Garsington Opera. Na sequência do 10.º aniversário desse festival, dirige uma nova produção de *Eugene Onegin* encenada por Michael Boyd.

A gravação dos Concertos de Bach (Deutsche Grammophon) marcou a sua estreia como maestro-solista e desde então a sua discografia não parou de crescer. Gravou a integral das Sinfonias de Beethoven com a Manchester Camerata, para a Avie, juntamente com a Sinfonia n.º 4 e *A Canção da Terra* de Mahler, conquistando elogios unânimes da crítica. Gravou também com a St. Paul Chamber Orchestra (Sinfonias de Schubert) e o Musikkollegium Winterthur. As gravações com a Orquestra de Câmara de Paris incluem *Intuition* com Gautier Capuçon para a etiqueta Erato e um disco com Sinfonias de Haydn que será lançado em breve.

Diana Tishchenko violino

A nomeação de Diana Tishchenko como Rising Star pela ECHO, para a temporada 2020/21, testemunha o valor que lhe é atribuído pela crítica e pelo público. Nessa qualidade, vai apresentar-se em recital nas salas mais importantes da Europa. O seu disco de estreia para a Warner Classics, uma homenagem a Ravel, Ysaye, Enescu e Prokofieff, recebeu a aclamação unânime da crítica.

Entre os seus compromissos passados e futuros incluem-se concertos com a Sinfónica Alemã em Berlim, as Sinfónicas de Hamburgo, Xangai, Taipé e Shenzhen, a Orquestra de Câmara de Munique, a Orchestre National d'Ile de France, a Orchestre National des Pays de Loire e as Filarmónicas de Estrasburgo e Baden-Baden; sob a direcção de prestigiados maestros como Long Yu, Lahav Shani, Eliahu Inbal, Joshua Weilerstein, Yaron Traub, Ion Marin e Christian Ehwald. Já se apresentou nos principais festivais de música, incluindo Salon de Provence (2019), Verbier, Mecklenburg-Vorpommern, Koblenz, Festival de Música de Câmara de Salzburgo e La Folle Journée, em Nantes, num concerto transmitido para o mundo inteiro.

Em Novembro de 2018 recebeu o Grand Prix Jacques Thibault no lendário Concurso Internacional Long-Thibaud-Crespin, em Paris, com Renaud Capuçon a integrar o júri.

Entusiasta da música de câmara, Diana Tishchenko participou no Chamber Music Connects the World, uma celebração bienal na Academia de Kronberg, tocando com músicos como Gidon Kremer, Steven Isserlis e Christian Tetzlaff. É laureada de inúmeros concursos internacionais, entre os quais o Isaac Stern de Xangai (2018), o Concurso da Academia Felix Mendelssohn-Bartholdy de Berlim (1.º Prémio,

2017), o Concurso Internacional de Música de Câmara de Lyon (1.º Prémio nas categorias de violino e duo com piano), o Concurso Internacional ARD em Munique e o Concurso Internacional de Violino David Oistrakh em Moscovo.

Nascida na Crimeia (Ucrânia, 1990), Diana Tishchenko começou a estudar música muito jovem e frequentou uma escola especializada em Kiev. Integrou a Orquestra de Jovens Gustav Mahler, da qual foi concertino até 2013, tendo aí trabalhado com Sir Colin Davis, Franz Welsch-Möst, Herbert Blomstedt, Antonio Pappano e Daniele Gatti, apresentando-se nas principais salas da Europa. Obteve os diplomas superiores na Hochschule für Musik Hanns Eisler, em Berlim, com Ulf Wallin — de quem se tornaria assistente. Na Universidade de Artes de Graz estudou com Boris Kuschnir.

Depois de concluir os estudos, foi solista no Concerto n.º 2 para violino e orquestra de Prokofieff na Konzerthaus de Berlim, sob a direcção de Lahav Shani. A sua inspiração musical vem de figuras como Ferenc Rados, Rita Wagner, Saschko Gawriloff, Steven Isserlis e András Schiff.

Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música

Baldur Brönnimann maestro titular

Christian Zacharias maestro convidado principal

Stefan Blunier maestro associado

Leopold Hager maestro emérito

A Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música tem sido dirigida por reputados maestros, de entre os quais se destacam Stefan Blunier, Olari Elts, Peter Eötvös, Heinz Holliger, Elihu Inbal, Michail Jurowski, Christoph König, Reinbert de Leeuw, Andris Nelsons, Vasily Petrenko, Emilio Pomarico, Peter Rundel, Michael Sanderling, Vassily Sinaisky, Tugan Sokhiev, John Storgårds, Joseph Swensen, Ilan Volkov, Jörg Widmann, Ryan Wigglesworth, Antoni Wit, Christian Zacharias e Lothar Zagrosek. Diversos compositores trabalharam também com a orquestra, no âmbito das suas residências artísticas na Casa da Música, destacando-se os nomes de Emmanuel Nunes, Jonathan Harvey, Kaija Saariaho, Magnus Lindberg, Pascal Dusapin, Luca Francesconi, Unsuk Chin, Peter Eötvös, Helmut Lachenmann, Georges Aperghis, Heinz Holliger, Harrison Birtwistle, Georg Friedrich Haas e Jörg Widmann, a que se junta em 2020 o compositor Philippe Manoury.

A Orquestra celebra o 20.º aniversário da sua formação sinfónica em 2020. Tem pisado os palcos das mais prestigiadas salas de concerto de Viena, Estrasburgo, Luxemburgo, Antuérpia, Roterdão, Valladolid, Madrid, Santiago de Compostela e Brasil. Ainda este ano, dá especial destaque às sinfonias de Beethoven e apresenta numerosas obras dos séculos XX e XXI nunca antes apresentadas em Portugal.

As temporadas recentes da Orquestra foram marcadas pela interpretação das integrais das Sinfonias de Mahler, Prokofieff, Brahms e Bruckner; dos Concertos para piano e orquestra de Beethoven e Rachmaninoff; e dos Concertos para violino e orquestra de Mozart. Em 2011, o álbum “Follow the Songlines” ganhou a categoria de Jazz dos prestigiados prémios Victoires de la musique, em França. Em 2013 foram editados os concertos para piano de Lopes-Graça, pela Naxos, e o disco com obras de Pascal Dusapin foi Escolha dos Críticos na revista Gramophone. Nos últimos anos surgiram os discos monográficos de Luca Francesconi (2014), Unsuk Chin (2015) e Georges Aperghis (2017), além de obras de compositores portugueses, todos com gravações ao vivo na Casa da Música.

A origem da Orquestra remonta a 1947, ano em que foi constituída a Orquestra Sinfónica do Conservatório de Música do Porto, que desde então passou por diversas designações. Após a extinção das Orquestras da Radiodifusão Portuguesa, foi fundada a Régie Cooperativa Sinfonia (1989-1992), vindo posteriormente a ser criada a Orquestra Clássica do Porto e, mais tarde, a Orquestra Nacional do Porto (1997), alcançando a formação sinfónica com um quadro de 94 instrumentistas em 2000. A Orquestra foi integrada na Fundação Casa da Música em 2006, vindo a adoptar a actual designação em 2010.

Violino I

James Dahlgren
Álvaro Pereira
José Despujols
Emília Vanguelova
Roumiana Badeva
Vladimir Grinman
Alan Guimarães
Vadim Feldblioum

Violino II

Ana Madalena Ribeiro
Pedro Rocha
José Paulo Jesus
Mariana Costa
Karolina Andrzejczak
Francisco Pereira de Sousa

Viola

Alexander Znamenskiy
Hazel Veitch
Jean Loup Lecomte
Francisco Moreira
Biliana Chamlieva

Violoncelo

Feodor Kolpachnikov
Sharon Kinder
Bruno Cardoso
Hrant Yeranosyan

Contrabaixo

Florian Pertzborn
Jorge Villar Paredes

Flauta

Alexander Auer
Angelina Rodrigues

Oboé

Aldo Salvetti
Tamás Bartók

Clarinete

Luís Silva
Pedro Silva*

Fagote

Pedro Martinho*
Vasily Suprunov

Trompa

Eddy Tauber
Bohdan Sebestik
José Bernardo Silva
Hugo Carneiro

Trompete

Ivan Crespo
Rui Brito

Tímpanos

Jean-François Lézé

*instrumentistas convidados

APOIO INSTITUCIONAL

MECENAS PRINCIPAL CASA DA MÚSICA

